


LITERATURA E PSICANÁLISE EM DIÁLOGO: A DINÂMICA FREUDIANA EM “O SENHOR DAS MOSCAS”

LITERATURE AND PSYCHOANALYSIS IN DIALOGUE: FREUDIAN DYNAMICS IN “LORD OF THE FLIES”

LITERATURA Y PSICOANÁLISIS EN DIÁLOGO: DINÁMICAS FREUDIANAS EN “EL SEÑOR DE LAS MOSCAS”

 <https://doi.org/10.56238/arev7n6-171>

Data de submissão: 15/05/2025

Data de publicação: 15/06/2025

Rodrigo Gonçalves Basílio

Programa de Pós-Graduação em Engenharia, Gestão e Mídia do Conhecimento –Universidade Federal de Santa Catarina(UFSC), Florianópolis –Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-9365-766X>
E-mail: rgbasilio04@gmail.com

Nicole Zanon Basílio

Programa de Pós-Graduação em Engenharia, Gestão e Mídia do Conhecimento –Universidade Federal de Santa Catarina(UFSC), Florianópolis –Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7525-6885>
E-mail: nicolezanonn@gmail.com

Murilo Pedro Demarchi

Programa de Pós-Graduação em Engenharia, Gestão e Mídia do Conhecimento –Universidade Federal de Santa Catarina(UFSC), Florianópolis –Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1941-6340>
E-mail: demarchibm@gmail.com

RESUMO

Este artigo realiza uma análise da obra literária *O Senhor das Moscas*, de William Golding, sob a perspectiva da psicanálise freudiana, com especial atenção aos conceitos desenvolvidos por Sigmund Freud nas obras *Totem e Tabu* e *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. A metodologia adotada é de natureza teórica, aplicando os princípios psicanalíticos aos personagens e eventos narrativos, com o intuito de interpretar os conflitos que permeiam a trama. Os resultados evidenciam a luta intrínseca entre as estruturas psíquicas — id, ego e superego —, bem como as pulsões instintivas e as tensões entre a ordem social e os impulsos primitivos. O estudo reside na abordagem interdisciplinar que conecta literatura e psicanálise, demonstrando a riqueza analítica que emerge dessa interseção. No plano prático, o artigo contribui para diálogos interdisciplinares entre literatura, psicologia e ciências sociais, além de oferecer subsídios para reflexões aplicáveis em contextos educacionais. Como sugestão para futuras pesquisas, propõe-se a análise de outras obras literárias à luz da psicanálise, bem como a investigação das dinâmicas psíquicas e sociais em diferentes contextos culturais e históricos.

Palavras-chave: Freud. Psicanálise. *Senhor das Moscas*. William Golding.

ABSTRACT

This article presents an analysis of the literary work *Lord of the Flies* by William Golding through the lens of Freudian psychoanalysis, with particular emphasis on the concepts developed by Sigmund Freud in his works *Totem and Taboo* and *Group Psychology and the Analysis of the Ego*. The methodology adopted is theoretical in nature, applying psychoanalytic principles to the characters and narrative events in order to interpret the underlying conflicts within the plot. The results highlight the intrinsic struggle between the psychic structures — id, ego, and superego — as well as instinctual drives and the tensions between social order and primal impulses. The study relies on an interdisciplinary approach that bridges literature and psychoanalysis, demonstrating the analytical richness that emerges from this intersection. On a practical level, the article contributes to interdisciplinary dialogues between literature, psychology, and the social sciences, while also offering insights applicable to educational contexts. As a suggestion for future research, the analysis of other literary works through the psychoanalytic lens is proposed, along with the exploration of psychic and social dynamics in various cultural and historical settings.

Keywords: Freud. Psychoanalysis. *Lord of the Flies*. William Golding.

RESUMEN

Este artículo analiza la obra literaria *El señor de las moscas* de William Golding desde la perspectiva del psicoanálisis freudiano, con especial atención a los conceptos desarrollados por Sigmund Freud en sus obras *Tótem y tabú* y *Psicología de masas y Análisis del yo*. La metodología adoptada es de naturaleza teórica, aplicando principios psicoanalíticos a los personajes y eventos narrativos, con el objetivo de interpretar los conflictos que permean la trama. Los resultados destacan la lucha intrínseca entre las estructuras psíquicas — ello, yo y superyó —, así como las pulsiones instintivas y las tensiones entre el orden social y los impulsos primitivos. El estudio se apoya en el enfoque interdisciplinario que conecta la literatura y el psicoanálisis, demostrando la riqueza analítica que emerge de esta intersección. A nivel práctico, el artículo contribuye a los diálogos interdisciplinarios entre la literatura, la psicología y las ciencias sociales, además de ofrecer soporte para reflexiones aplicables en contextos educativos. Como sugerencia para futuras investigaciones, proponemos el análisis de otras obras literarias desde la perspectiva del psicoanálisis, así como la investigación de dinámicas psíquicas y sociales en diferentes contextos culturales e históricos.

Palabras clave: Freud. Psicoanálisis. *El señor de las moscas*. William Golding.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a humanidade oscilou entre avanços civilizatórios e regressos à barbárie. Essa tensão está presente tanto na literatura quanto nas teorias que buscam explicar os mecanismos mais profundos do psiquismo humano. Nesse contexto, a proposta deste artigo é analisar a obra “O Senhor das Moscas”, de William Golding, à luz dos principais conceitos da psicanálise freudiana, como o id, o ego, o superego, o sentimento de desamparo, o comportamento das massas e o totemismo.

William Golding (1911–1993), escritor britânico e vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1983, acreditava que o mal não era um fenômeno exterior ao ser humano, mas algo intrínseco à sua natureza. Sua vivência como oficial da Marinha Real Britânica durante a Segunda Guerra Mundial foi determinante para a construção de sua visão desencantada sobre o homem, que considerava capaz de atrocidades quando livre das amarras sociais. Para Golding, a civilização é apenas um verniz fino que pode se romper facilmente diante de situações-limite.

Sigmund Freud (1856–1939), por sua vez, fundador da psicanálise, propôs uma estrutura do aparelho psíquico na qual o comportamento humano é resultado do embate entre forças pulsionais inconscientes e instâncias normativas internalizadas. A partir da segunda tópica freudiana — composta por id, ego e superego —, Freud argumenta que a civilização impõe renúncias pulsionais, as quais, embora necessárias, geram mal-estar e podem ruir diante da ausência de repressão externa.

Partindo dessas duas visões de mundo, o presente artigo se debruça sobre o seguinte problema de pesquisa: **“O que a ruptura com a civilização, retratada por Golding em sua obra, revela sobre a estrutura psíquica do sujeito, segundo a psicanálise freudiana?”** Afinal, até onde o ser humano é capaz de ir quando inexiste a ameaça de punição institucional? O que diferencia o indivíduo “civilizado” do selvagem? Quais são os limites das pulsões? No comportamento em grupo, prevalece, de fato, a lei do mais forte? A partir disso, pretende-se investigar se os comportamentos primitivos apresentados na narrativa são apenas circunstanciais ou se decorrem de um núcleo psíquico atávico comum a todos os seres humanos.

A metodologia adotada é qualitativa, com abordagem dedutiva e de natureza bibliográfica. O corpus principal é a obra *O Senhor das Moscas*, de William Golding (2014), confrontada com textos freudianos como *Psicologia das massas e análise do eu* (Freud, 2011), *O mal-estar na civilização* (Freud, 2010) e *Totem e tabu* (Freud, 2012). O objetivo central é evidenciar como a literatura pode servir como campo fértil para reflexões psicanalíticas, lançando luz sobre a natureza humana e os limites da civilização.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 WILLIAM GOLDING: A CONDIÇÃO HUMANA SOB O SIGNO DA ESCURIDÃO

William Golding (1911–1993), escritor britânico nascido na Cornualha, tornou-se mundialmente conhecido por sua capacidade de retratar o lado sombrio da natureza humana. Seu pensamento literário se consolidou em meio às ruínas deixadas pela Segunda Guerra Mundial — evento que marcou sua biografia e sua produção intelectual. Tendo atuado como oficial da Marinha Real durante o conflito, Golding testemunhou diretamente o colapso dos ideais civilizatórios europeus. A experiência do horror da guerra, segundo o próprio autor, desfez suas crenças no progresso humano e na bondade essencial das pessoas. Em suas palavras: “*o homem produz o mal como a abelha produz o mel*” (Torres, 2018).

A obra de Golding é marcada por uma profunda desconfiança quanto à estabilidade da civilização e pela convicção de que o mal habita o próprio cerne do ser humano. Sua literatura adota uma perspectiva ontológica distópica, na qual o frágil pacto social pode ser facilmente dissolvido, expondo a violência primitiva que se encontra latente nos indivíduos. Entre seus romances, *O Senhor das Moscas* (1954) é o mais emblemático nesse sentido.

A narrativa acompanha um grupo de meninos em idade escolar que, após um acidente aéreo durante a Segunda Guerra Mundial, encontra-se isolado em uma ilha deserta. Dia após dia, eles descobrem os encantos desse refúgio tropical e, liderados por Ralph, procuram se organizar enquanto esperam um possível resgate. Aos poucos, no entanto, esses garotos aparentemente inocentes transformam a ilha numa encarniçada disputa pelo poder e um comportamento selvagem vem à tona, desafiando o fino verniz da civilização. A ilha, situada em algum ponto do Oceano Pacífico, é um verdadeiro paraíso tropical: há água em abundância, frutos e bons abrigos; enfim, tudo aquilo que, na teoria, seria necessário para conviver em harmonia. Embora livres das regras sociais, inicialmente eles permanecem conectados aos valores da civilização ocidental: elegem um líder de maneira democrática e enfrentam as adversidades de forma pacífica. Todavia, a escuridão da noite, a demora da chegada do resgate e o medo natural do desconhecido provocam visões de um animal estranho e fazem com que os meninos passem a agir não mais dentro de um padrão civilizado, mas, sim, selvagem e primitivo. Desfeita a ordem, inicia-se uma luta desmedida pelo poder, deixando um rastro de destruição, que termina em caçadas humanas e assassinatos (Martins et al, 2011, p. 02).

Considerado um clássico moderno, a obra de William Golding retrata as áreas de sombra e escuridão da essência do ser humano. Publicado originalmente em 1954, é tido como um dos romances essenciais da literatura mundial. Adaptado duas vezes para o cinema, traduzido para 35 idiomas, com mais de 25 milhões de exemplares vendidos só em língua inglesa, já foi visto como uma alegoria, uma

parábola, um tratado político e até mesmo como uma visão do apocalipse. Trágico e provocativo, ontologicamente distópico, apresenta ao leitor um retorno do homem, em apenas algumas semanas, àquele estado de escuridão de onde ele levou milhares de anos para emergir (Golding, 2014).

O enredo, que poderia facilmente se configurar como uma fábula de sobrevivência e solidariedade, revela-se um estudo profundo sobre a degradação moral e a regressão à barbárie. O cenário paradisíaco rapidamente dá lugar a um ambiente hostil e marcado por disputas de poder, fragmentação do grupo, atos de violência e a ascensão de uma liderança tirânica.

Em *O Senhor das Moscas*, Golding não apenas retrata uma situação-limite, mas propõe uma alegoria da condição humana. A ausência de adultos — e, portanto, de estruturas sociais consolidadas — faz com que os garotos revelem traços comportamentais atávicos. A ilha, que à primeira vista simboliza a liberdade, transforma-se em palco do retorno ao estado de natureza. O autor constrói uma crítica contundente à ideia de que a infância é um estado de inocência pura e à suposição rousseauiana de que o homem é naturalmente bom. A violência que emerge entre os meninos denuncia o quanto o mal é constitutivo da subjetividade humana, sendo contido apenas temporariamente pelas instituições civilizatórias.

A literatura de Golding, nesse sentido, opera como um instrumento de desvelamento das estruturas psicológicas profundas, aproximando-se, portanto, das teorias psicanalíticas propostas por Sigmund Freud.

2.2 SIGMUND FREUD: PULSÕES, REPRESSÃO E CIVILIZAÇÃO

Sigmund Freud (1856–1939), neurologista austríaco e criador da psicanálise, ofereceu à cultura ocidental uma nova forma de compreender o ser humano: como sujeito do inconsciente, movido por pulsões que nem sempre são acessíveis à razão. Em sua vasta produção teórica, Freud procurou demonstrar que a cultura e a civilização são construções frágeis, sustentadas por mecanismos de repressão e sublimação das pulsões instintivas, sobretudo das pulsões agressivas e sexuais.

No texto *O mal-estar na civilização* (2010), Freud argumenta que a vida civilizada exige a renúncia aos desejos inconscientes. Essa renúncia gera tensão psíquica, internalizada no sujeito sob a forma de culpa. O superego — instância moral e normativa — age reprimindo os impulsos do id, instância pulsional regida pelo princípio do prazer. O ego, por sua vez, atua como mediador entre essas forças, tentando conciliar as exigências da realidade externa com as demandas internas e inconscientes.

Outro conceito essencial à análise freudiana é o da psicologia das massas. Em *Psicologia das massas e análise do eu* (2011), Freud observa que, no contexto grupal, o sujeito tende a regredir a estados primitivos, abrindo mão de seu senso crítico e tornando-se mais suscetível à sugestão e à

impulsividade. A massa, como fenômeno coletivo, reduz a responsabilidade individual, desinibindo comportamentos normalmente refreados em contextos civilizados.

Além disso, em *Totem e tabu* (2012), Freud investiga os fundamentos da organização social e religiosa nos primórdios da humanidade. Ali, postula que o totem — geralmente representado por um animal — funciona como substituto simbólico da figura do pai e como ponto de coesão do grupo. A morte ritualística do totem e sua posterior adoração seriam formas inconscientes de lidar com a culpa e a interdição originárias da cultura.

Esses conceitos fornecem uma lente interpretativa potente para a análise da obra de William Golding. A degeneração moral dos garotos na ilha, a formação de um grupo regido por pulsões agressivas, a liderança autoritária de Jack e a adoração totêmica da cabeça do porco — o “Senhor das Moscas” — encontram paralelos claros nos mecanismos descritos por Freud. Assim, a interseção entre literatura e psicanálise permite uma compreensão mais profunda dos conflitos entre civilização e barbárie, entre cultura e pulsão.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo configura-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, de abordagem teórico-interpretativa e de cunho exploratório. A escolha metodológica justifica-se pelo objetivo central de compreender, a partir de uma obra literária de cunho alegórico, os mecanismos psíquicos inconscientes que regem o comportamento humano em situações de ruptura civilizatória, utilizando como suporte conceitual os fundamentos da teoria psicanalítica freudiana.

Do ponto de vista técnico, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, realizada com base em obras clássicas da literatura e da psicanálise. Conforme Marconi e Lakatos (2011), a pesquisa bibliográfica é aquela que se vale de material já publicado, abrangendo livros, artigos científicos, dissertações, teses e outras fontes secundárias, o que permite ao pesquisador desenvolver uma análise crítica e aprofundada sobre determinado objeto de estudo.

O corpus principal da investigação é o romance *O Senhor das Moscas*, de William Golding (2014), utilizado como ponto de partida para uma análise simbólica do comportamento humano. A obra é examinada à luz de conceitos-chave extraídos da psicanálise freudiana, tais como id, ego, superego, pulsões, repressão, comportamento das massas, sentimento de desamparo e totemismo. As principais fontes teóricas utilizadas são os textos *O mal-estar na civilização* (Freud, 2010), *Psicologia das massas e análise do eu* (Freud, 2011) e *Totem e tabu* (Freud, 2012), todos selecionados por sua relevância para o entendimento das dinâmicas psíquicas envolvidas na narrativa.

A análise foi conduzida com base no método dedutivo, partindo-se de pressupostos teóricos amplos — extraídos da psicanálise — para a interpretação de situações específicas presentes na obra literária. Essa abordagem permite iluminar os comportamentos e decisões dos personagens a partir das estruturas conceituais oferecidas por Freud, contribuindo para uma leitura simbólica e crítica da obra.

Por fim, esta pesquisa não se propõe a esgotar todas as possibilidades interpretativas da obra de Golding ou da teoria freudiana, mas, sim, estabelecer um diálogo entre literatura e psicanálise, demonstrando como os elementos ficcionais podem refletir aspectos estruturais da subjetividade humana.

4 ALGUNS ELEMENTOS DA PSICANÁLISE FREUDIANA NA OBRA “SENHOR DAS MOSCAS”

No romance de Golding, tem-se uma espécie de alegoria do homem em seu estado natural e primitivo: o cenário consiste em uma ilha deserta onde as frutas e a água potável se mostram abundantes. Os personagens são ainda mais primitivos – crianças largadas à própria sorte, desassistidas de qualquer adulto. Havia os “pequenos”, entre seis e sete anos, e os “grandes”, entre onze e doze anos.

Depois da queda da aeronave que as levava para casa (o lar como símbolo de tranquilidade e de resolução de conflitos), as crianças precisam formar uma “civilização”, visando ao próprio resgate ou, simplesmente, à convivência em um “novo mundo”, até então desconhecido e cheio de mistérios. Diante da morte dos únicos adultos tripulantes, precisam criar suas próprias regras, aprendê-las, divulgá-las, obedecê-las e transgredi-las: tudo à luz de uma civilização natural, sob o espectro da civilização dos pais, nobres respeitadores da moral e dos bons costumes (Torres, 2018, p. 15).

A constatação de que, muito provavelmente, não haveria qualquer adulto na ilha provoca, a princípio, um sentimento de euforia nos garotos, o que fica claro em um dos primeiros diálogos entabulados entre Ralph (“o menino louro”) e Porquinho (“o menino gordo”):

Será que não tem mesmo nenhum adulto?

Acho que não.

O menino louro deu sua resposta em tom solene; mas então foi tomado pela alegria de uma ambição realizada. No meio da ferida aberta na mata, plantou uma bananeira e sorriu para o menino gordo de cabeça para baixo.

Adulto nenhum! (Golding, 2014, p. 08)

Em determinado momento, Ralph brada aos demais: “Acho que precisamos de um chefe para resolver as coisas” ao que respondem os garotos: “Um chefe! Um chefe!” (Golding, 2014, p. 23). Mais adiante, na tentativa de organizar o grande grupo, Ralph volta a mencionar: “A gente precisa de regras”,

exclamou, animado. “Muitas regras! E quando alguém deixar de cumprir a regra –”. “Pimba!” (Golding, 2014, p. 36).

Até mesmo Jack, o garoto que, posteriormente, irá se tornar o símbolo da transgressão e da tirania, em um primeiro momento concorda com a necessidade de regras no grupo: “Concordo com Ralph. A gente precisa de regras, e precisa obedecer às regras. Afinal, não somos selvagens. Somos ingleses; e os ingleses são os melhores do mundo em tudo. Por isso, a gente precisa fazer as coisas do jeito certo” (Golding, 2014, p. 46)

Ao descrever Ralph, o garoto que viria a se tornar o primeiro líder entre os garotos, Golding (2014, p. 10) menciona que: “Tinha idade bastante, doze anos e alguns meses, para já ter perdido a barriga proeminente da infância, mas ainda não suficiente para a adolescência deixá-lo acanhado”.

4.1 O SURGIMENTO DA MASSA

Eis que a massa está formada e o conceito de coletividade inevitavelmente vem à tona. Linha após linha, aspectos marcantes da psicanálise freudiana emergem do romance de Golding.

O indivíduo na massa adquire, pelo simples fato do número, um sentimento de poder invencível, que lhe permite ceder a instintos que, estando só, ele manteria sob controle; e cederá com tanto mais facilidade a eles, porque, sendo a massa anônima, e por conseguinte irresponsável, desaparece por completo o sentimento de responsabilidade que, no mais das vezes, retém os indivíduos (Freud, 2011, p. 20).

Dessa forma, prossegue Freud (2011, p. 21), o indivíduo na massa está sujeito a condições que lhe permitem se livrar das repressões dos seus impulsos instintivos inconscientes. As características aparentemente novas, que ele então apresenta, são justamente as manifestações desse inconsciente, no qual se acha contido, em predisposição, tudo de mau da alma humana. Nota-se uma espécie de “agressividade atávica” no grupo dos garotos, a qual vai se acentuando no transcorrer da história diante da ausência de punição e dos freios sociais imanentes à ideia de civilização. O autor narra, por exemplo, uma brincadeira entre os garotos, na qual Roger, uma das crianças, se finge de porco, pelo que passa a ser atacado pelos demais com estocadas de lanças, simulando uma caçada de verdade:

Na mesma hora, Robert começou a gritar e se debater com uma força frenética. Jack o segurava pelos cabelos, com a faca na mão. Atrás dele estava Roger, que se esforçava por se aproximar mais. Os gritos foram aumentando de volume, ritualmente, como o último momento de uma dança ou uma caçada. ‘Mata o porco! Corta a goela! Mata o porco! Cai de pau!’ . Ralph também se esforçava para chegar mais perto, atingir algum ponto daquela carne bronzeada e vulnerável. O desejo de esmagar e ferir era irresistível (Golding, p. 127, grifado).

Numa massa, os sentimentos e os atos são contagiosos, a ponto de o indivíduo sacrificar facilmente o seu interesse pessoal pelo interesse coletivo. Tem-se, pois, uma aptidão contrária à sua

natureza, de que o homem só se torna capaz enquanto parte de uma massa. Como características marcantes do indivíduo na massa, é possível observar: a) o evanescimento da personalidade consciente e a predominância da personalidade inconsciente; b) o estado de exaltação extrema e a irresistível impetuosidade; c) a orientação por via de sugestão e a tendência a transformar imediatamente em atos as ideias sugeridas; d) o comportamento autômato e, no mais das vezes, irrefletido; e) a intolerância e a crença desmedida na autoridade (Freud, 2011, p. 22-27).

Na obra há um episódio significativo que revela o conflito entre impulsos primitivos e os resquícios de condicionamento moral herdado do convívio social. Em determinada cena, os personagens Roger e Maurice deixam a responsabilidade de alimentar a fogueira para outros e se dirigem à praia para um mergulho. Durante o trajeto, Roger destrói castelos de areia construídos por crianças menores, chutando-os e espalhando flores e pedras decorativas, enquanto Maurice o acompanha, rindo e intensificando a destruição. Apesar da ausência de protestos por parte das crianças, Percival começa a choramingar ao ter areia lançada em seus olhos, o que faz Maurice recuar subitamente. Nesse instante, o autor evidencia que, em outra ocasião, Maurice fora castigado por comportamento semelhante, e, mesmo naquele ambiente isento da presença de figuras de autoridade, ele ainda experimenta um desconforto moral diante do mal cometido. Esse sentimento o leva a esboçar uma tentativa de desculpa antes de se afastar, revelando que, embora as estruturas sociais tenham sido desfeitas na ilha, a internalização de normas e punições persiste em algum grau no inconsciente dos personagens.

4.1.1 As manifestações do inconsciente

Na distopia de Golding, a predominância da personalidade inconsciente torna-se cada vez mais evidente à medida que a narrativa avança. Elementos como o medo, a saudade de casa, a incerteza quanto ao resgate, a sensação de desamparo, os mistérios envolvendo um suposto monstro e o desaparecimento de um garoto logo nos primeiros momentos da história intensificam os conflitos internos e revelam o predomínio do inconsciente na psique dos personagens.

O medo é uma constante na narrativa de *O Senhor das Moscas* e manifesta-se, de maneira sutil, em diálogos e comportamentos dos personagens. Em conversa com Ralph, Jack revela que, durante as caçadas, frequentemente é tomado por uma sensação estranha — como se, em vez de caçar, estivesse sendo caçado, como se houvesse sempre algo oculto o observando na selva (Golding, 2014). Essa percepção evidencia a inquietação crescente diante do ambiente hostil e desconhecido, bem como a projeção de seus próprios temores internos. Além disso, os sonhos contribuem para intensificar o clima de tensão e desamparo entre os meninos. Um exemplo disso é o relato do pequeno Phil, que menciona

ter tido um pesadelo no qual saía sozinho da cabana e se via lutando contra figuras distorcidas que pareciam penduradas nas árvores, o que revela a angústia onírica diante da selva e do desconhecido (Golding, 2014). Essas manifestações psíquicas funcionam como elementos simbólicos do medo latente que permeia a experiência coletiva dos personagens, refletindo tanto o colapso do controle racional quanto a ascensão dos impulsos primitivos.

Em meio à tensão crescente e à atmosfera opressiva da ilha, Golding insere um momento onírico vivido por Ralph, revelando o contraste entre o estado psicológico do personagem e o desejo inconsciente de retorno à segurança e ao afeto do ambiente familiar. Ralph sonha com um cenário sereno, no qual se vê alimentando pôneis com torrões de açúcar por cima do muro de um jardim, em um espaço que remete nitidamente ao seu lar de origem. Trata-se de uma imagem idílica, marcada por conforto e previsibilidade, em total oposição ao medo do desconhecido e à instabilidade que dominam sua realidade concreta na ilha. Esse sonho, ao interromper temporariamente a lógica de sobrevivência e conflito, evidencia o refúgio simbólico da infância e da civilização no imaginário de Ralph, funcionando como um mecanismo psíquico de fuga diante da brutalidade crescente do ambiente em que está inserido (Golding, 2014).

O medo passou a ser não apenas em relação aos fatores externos, como as tempestades e o monstro, mas, também, em relação a eles mesmos e às atitudes que vinham adotando no interior da ilha. Esse medo fez aumentar ainda mais a saudade de casa, símbolo de proteção e aconchego: “Estou com medo. Da gente. Quero voltar pra casa. Ah, meu Deus, quero voltar pra casa” (Golding, 2014, p. 173). Mais à frente, Porquinho, o personagem mais racional e analítico do romance, também expõe a sua intensa preocupação: “‘Estou falando sério’, sussurrou Porquinho. ‘Se a gente não voltar logo pra casa, vai ficar todo mundo doido’” (Golding, 2014, p. 182).

A incerteza sobre a possibilidade de resgate se intensifica à medida que os meninos percebem a perda de contato com a civilização, sentimento que é evidenciado no momento em que “O mundo, aquele mundo compreensível e obediente à lei, desmoronava. Primeiro era uma coisa, depois outra; e agora – o navio tinha passado” (Golding, 2014, p. 101).

A obra também evidencia a profunda sensação de desamparo experimentada pelos personagens diante da vastidão inóspita da natureza e da ausência de qualquer perspectiva concreta de resgate. Golding contrapõe simbolicamente dois cenários da ilha: de um lado, a imagem serena da laguna, protegida e envolta em miragens, onde ainda era possível alimentar a esperança de um resgate; de outro, o confronto direto com o oceano aberto, imenso e indiferente, que reforça a percepção de isolamento absoluto. Nesse contexto, a brutalidade do mar, aliada à distância incomensurável do mundo civilizado, desperta nos meninos um sentimento opressivo de impotência, abandono e

condenação inevitável, traduzindo o colapso da segurança simbólica que antes era oferecida pela presença dos adultos e pelas instituições sociais (Golding, 2014).

A figura do “monstro” presente na obra *O Senhor das Moscas* atua como uma metáfora para o medo irracional que progressivamente domina o grupo, expondo o conflito latente entre a razão e a imaginação. Essa tensão psicológica é perceptível nas reflexões dos próprios personagens, como quando Maurice menciona que o medo parece ser uma constante na experiência humana — algo que as pessoas sempre acabam por sentir, mesmo quando não há razões concretas para tanto. Embora afirme não acreditar na existência do monstro e declare concordar com a visão racional e científica defendida por outro personagem, ele admite que a certeza absoluta é inalcançável, o que evidencia a fragilidade da razão diante do desconhecido e do instinto (Golding, 2014).

À medida que o enredo avança, essa inquietação se intensifica, desencadeando um colapso das estruturas de diálogo e convivência. Em determinado momento, a plataforma onde os meninos se reúnem torna-se um espaço caótico, tomado por gritos, discussões e gestos desordenados, aos olhos de Ralph simbolizando o colapso da sanidade. O medo, a crença nos monstros e os desacordos sobre a fogueira — elemento essencial à esperança de resgate — tornam-se indícios de um processo de desintegração coletiva, em que qualquer tentativa de racionalização cede lugar ao descontrole emocional e à irracionalidade (Golding, 2014).

Essa atmosfera de desordem já se anunciava desde o início da narrativa, com o desaparecimento de um dos garotos. Golding trata o sumiço com uma sutileza perturbadora, marcada por um certo apagamento do ocorrido no imaginário do grupo. A criança desaparecida, identificada anteriormente por uma marca de nascença, deixa de ser mencionada explicitamente, e o autor observa que, entre os rostos dos muitos meninos sujos e indistintos, já não se encontrava mais aquele com a mancha arroxeadas. Tal omissão sugere a naturalização da violência e da negligência, como se o caos e a perda se tornassem elementos normativos dentro daquela nova ordem social em formação (Golding, 2014).

4.1.2 Ações extremas e impetuosas

O estado de exaltação extrema e a irresistível impetuosidade manifestam-se em diversos momentos da obra de Golding, revelando tensões psíquicas intensas entre os personagens. Esses comportamentos ilustram de forma clara o conflito constante entre o id e o superego, elementos centrais da segunda tópica freudiana. Apresentada por Freud em 1923, na obra *O ego e o id*, essa teoria propõe uma nova modelagem da mente humana, composta por três instâncias: o ego, o id e o superego. Tal estrutura psíquica passou a representar um marco na teoria psicanalítica, explicando os embates internos que moldam a conduta dos indivíduos (Vilaça, 2019, p. 07).

Nesse contexto, Freud (2010, p. 215) destaca que o id representa a parte obscura e inacessível da personalidade humana, funcionando como um verdadeiro caos psíquico — um "caldeirão cheio de excitações fervilhantes". Responsável por acolher as necessidades instintivas, o id opera segundo o princípio do prazer, desconsiderando as leis do pensamento lógico e da realidade. Em continuidade, o autor compara a relação entre o ego e o id àquela entre o cavaleiro e o cavalo: enquanto o cavalo fornece a força motriz, cabe ao cavaleiro determinar a direção. No entanto, Freud observa que, na prática, frequentemente o ego (cavaleiro) se vê obrigado a conduzir o indivíduo para onde o id (cavalo) deseja ir (Freud, 2010, p. 220).

O superego, a seu turno, está relacionado aos aspectos da auto-observação e da consciência moral. Ele é também o portador do ideal do ego, pelo qual o ego se mede, e cuja demanda por uma perfeição cada vez maior ele se empenha em satisfazer. É, portanto, o representante de todo limite moral, o advogado do anseio por perfeição (Freud, 2010, p. 196-206).

Em regra, os pais e autoridades análogas seguem, na educação da criança, os preceitos do seu próprio superego. Dessa maneira, o superego da criança é construído não segundo o modelo dos pais, mas em conformidade com o superego dos pais; preenche-se com o mesmo conteúdo, torna-se veículo da tradição, de todos os constantes valores que assim se propagaram de geração a geração (Freud, 2010, p. 205). Por sua vez, o ego representa na vida psíquica a razão e a prudência, em um esforço contínuo e hercúleo por equilibrar as exigências advindas do superego e do id. Citando um provérbio, Freud (2010, p. 220) relembra que não se pode servir a dois senhores ao mesmo tempo. Desse modo, tanto mais difícil é a tarefa do ego, o qual serve a três senhores severos (mundo externo, id e superego), empenhando-se em harmonizar suas demandas e exigências. Tais demandas sempre divergem e parecem muitas vezes inconciliáveis, razão pela qual é muito comum que o eu fracasse tanto em sua tarefa (Freud, 2010, p. 220).

4.1.3 Conduta sugestionável e voltada ao imediatismo

Outro aspecto marcante na conduta dos garotos é a orientação por via de sugestão e a tendência de transformar imediatamente em ação qualquer ideia que lhes seja apresentada. Esse comportamento, embora mais recorrente entre as crianças mais novas, estendia-se à massa como um todo. Bastava que alguém com maior influência no grupo — como Ralph ou Jack — expressasse uma sugestão para que os demais a executassem prontamente, muitas vezes sem qualquer planejamento prévio. Um exemplo notável dessa impulsividade é o episódio em que provocaram um incêndio na vegetação, que por muito pouco não consumiu a ilha inteira. Indignado com a conduta inconsequente dos colegas, Porquinho, o mais racional e analítico entre eles, expressa sua preocupação:

“E aí, quando a gente chega aqui em cima, vocês armam uma fogueira que não serve para nada. E depois ainda botam fogo na ilha toda. Não vai ser engraçado, se a ilha queimar inteira? Fruta cozida para comer, e porco assado. E não tem graça nenhuma! A gente resolveu que Ralph era o chefe, mas ninguém dá tempo pra ele pensar. Então, **assim que ele diz alguma coisa sai todo mundo correndo**, feito, feito —. Fez uma pausa para respirar, e o fogo continuava queimando” (Golding, 2014, p. 49, grifado)

4.1.4 Comportamento autômato e irrefletido

O comportamento autômato e, em grande parte, irrefletido da massa de garotos emerge de forma recorrente e intensificada ao longo da narrativa. O ponto extremo dessa atitude manifesta-se em passagens decisivas da obra, como as mortes de Simon e Porquinho, além da perseguição final conduzida pela “tribo” de Jack contra Ralph. A cena da morte de Simon é especialmente simbólica, constituindo um dos momentos mais brutais do romance. Em meio à escuridão da noite, à chuva torrencial e aos relâmpagos que rasgam o céu, os meninos entregam-se a um frenesi coletivo primitivo, entoando, em tom tribal, palavras de ódio e violência: “Mata o monstro! Corta a goela! Espalha o sangue!” (Golding, 2014, p. 167). É nesse ambiente de descontrole que Simon, ao surgir na roda dos garotos, torna-se alvo da projeção de seus medos mais profundos.

A histeria coletiva, somada ao ambiente caótico da tempestade, converte o medo em um desejo de destruição incontrollável. A massa de garotos, tomada por impulsos inconscientes, age sem qualquer vestígio de racionalidade ou contenção moral. Nesse instante, torna-se impossível reconhecer na multidão qualquer sinal de superego ou de um ego moderador; apenas o *id*, em seu estado mais primitivo, se manifesta com vigor. A figura de Simon, que vinha para anunciar uma verdade libertadora — a inexistência concreta do monstro —, é imediatamente confundida com a própria ameaça. Os garotos, dominados por instintos primitivos, projetam nele o símbolo do medo, eliminando-o como forma inconsciente de restaurar a segurança psíquica abalada.

O clímax dessa degradação moral se consuma na cena em que a violência atinge seu ápice. Simon, caído de joelhos, tenta falar sobre o corpo na montanha, mas seus gritos se perdem em meio ao barulho e à fúria do grupo. “As varas se abateram, e a abertura do novo círculo se fechou aos gritos. [...] O monstro tentou avançar, rompeu o cerco e despencou da beira da laje de pedra na areia junto ao mar” (Golding, 2014, p. 167). Nesse ponto, Simon já não é reconhecido como sujeito, mas como representação simbólica daquilo que deve ser destruído. A razão é sufocada por impulsos irracionais, e sua tentativa de revelar a realidade se dilui em meio ao delírio coletivo.

A morte de Simon é marcada por extrema brutalidade. Os meninos o golpeiam com socos, mordidas e lanças improvisadas, em um ato impiedoso que rompe definitivamente os últimos limites que os separavam da barbárie. A irracionalidade do grupo torna-se evidente, refletindo a total submissão do sujeito à massa. “Na mesma hora o bando se atirou sobre ele, pulando da laje, caindo em

cima do monstro, gritando, batendo, mordendo, rasgando [...]. Só o monstro ficou imóvel, estendido a poucos metros do mar. Mesmo na chuva, todos viam que era pequeno; e seu sangue já empapava a areia” (Golding, 2014, p. 167). Trata-se de um momento de aniquilação simbólica do outro, de apagamento da alteridade, em que o sujeito é reduzido à fantasia que o grupo constrói sobre ele.

Esse tipo de comportamento coletivo está em consonância com as análises propostas por Freud (2011, p. 29–30), ao afirmar que as massas não buscam a verdade, mas sim ilusões às quais não podem renunciar. Segundo o autor, o irreal exerce sobre elas tanta influência quanto o real, e a distinção entre ambos tende a desaparecer no seio da multidão. Assim como ocorre nos sonhos, na hipnose ou nas neuroses, o que prevalece é a realidade psíquica, e não a objetiva. Para Freud, a prova da realidade recua diante da força dos desejos investidos de afeto. Essa lógica é plenamente observável na cena da morte de Simon: o grupo age com base na fantasia de um monstro e, sob o efeito da massa, essa fantasia adquire contornos de verdade incontestável, legitimando a violência extrema.

4.1.5 Intolerância e crença desmedida na autoridade

Embora se possa argumentar que, na morte de Simon, houve elementos de ilusão ou engano coletivo — fruto de um surto de histeria em meio ao medo e à escuridão —, essa atenuante não se aplica à cena que culmina na morte de Porquinho. Nesse episódio, não há margem para confusão ou equívoco: a ação é intencional, deliberada e estrategicamente conduzida. A cena que antecede sua morte revela a preparação consciente da “tribo” de Jack para a violência, com os garotos se posicionando para a investida, e Roger, localizado em um ponto estratégico, assumindo o papel de executor. Ralph e Porquinho, lado a lado, tentam manter a postura racional, com este último segurando a concha — símbolo da autoridade e da civilização —, enquanto são cercados por uma massa tomada por um “sortilégio de ódio” (Golding, 2014, p. 199).

A brutalidade do ataque, realizado por Roger ao lançar deliberadamente uma enorme pedra morro abaixo, atinge Porquinho de forma fatal, destruindo a concha e, simbolicamente, eliminando os últimos resquícios da ordem civilizada entre os meninos. Golding descreve, em detalhes, o impacto: a pedra atinge o corpo de Porquinho, que é lançado no ar e despenca de uma grande altura, com a cabeça aberta pelo choque contra a pedra abaixo. A violência extrema e a naturalização do assassinato revelam uma transição completa para a barbárie. Não há hesitação nem arrependimento; apenas a execução fria de um ato simbólico e literal de ruptura com a razão e o discurso (Golding, 2014, p. 199–200).

Esse momento marca o ponto de consolidação da lógica da violência como norma dominante no grupo. Porquinho, representante da racionalidade, da mediação e do pensamento científico — frequentemente associado à razão socrática —, é silenciado por meio de um gesto que escancara o

desprezo pela ponderação e pelo diálogo. Sua morte não apenas elimina fisicamente um personagem, mas apaga a possibilidade de resistência ao domínio instaurado pela força bruta e pelo medo.

A dinâmica de poder que se estabelece na ilha é personificada na figura de Jack, cuja liderança se fundamenta na intimidação, na violência e na encenação de um poder totêmico. A indumentária ritualística adotada por ele, composta por pinturas faciais e corporais, reforça uma identidade mítica e assombrosa, distanciando-o da imagem de um menino comum. Com a máscara, Jack se despersonaliza e torna-se símbolo de um poder ancestral, isento de culpa ou responsabilidade. Essa transformação é percebida pelos demais garotos, que reagem à figura com fascínio e temor. A máscara permite a Jack esconder-se de si mesmo, liberando-se da vergonha e da consciência individual, e transforma-se em um dispositivo de dominação psíquica sobre o grupo. A performance de Jack convence e subjuga, instaurando uma nova forma de autoridade que se sustenta no medo e na irracionalidade (Golding, 2014, p. 71).

Dessa forma, Golding ilustra como, em contextos de ruptura institucional e de ausência de mediações civilizatórias, a organização coletiva pode sucumbir à lógica da força e da dominação simbólica, substituindo os valores da razão por estruturas arcaicas de poder baseadas no medo, na violência e na mitologia.

4.2 AGRESSIVIDADE ATÁVICA

Tais acontecimentos vão ao encontro das reflexões de Freud (2010, p. 76) ao mencionar que as pessoas gostam de negar que o ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender quando atacado, mas, sim, que ele deve incluir entre seus dotes instintuais também um forte quinhão de agressividade. “A sensação de felicidade ao satisfazer um impulso instintual selvagem, não domado pelo eu, é incomparavelmente mais forte do que a obtida ao saciar um instinto domesticado” (Freud, 2010, p. 34-35).

Em consequência disso, o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para lhe causar dor, para torturá-lo e matá-lo.

Essa tendência atávica do ser humano à agressão irrompe na obra *O Senhor das Moscas* em diversos trechos. Como se sabe, William Golding foi professor de crianças por vários anos, período em que, de maneira indubitável, conseguiu captar, testemunhar e analisar o comportamento humano em seu estágio mais primário. A par disso, afirma-se que, no romance “O Senhor das Moscas”, sob o

aspecto ontológico, o que prevalece é a máxima hobbesiana “Homo homini lupus”, ou seja, “O homem é o lobo do homem”, em uma verdadeira contraposição à máxima rousseauiana do “bom selvagem”.

Convém salientar que a famosa frase “O homem é o lobo do homem” foi originalmente proferida por Platus, dramaturgo romano que viveu cerca de dois séculos antes de Cristo. A transcrição original seria “*Lupus est homō hominī, nōn homō, quom quālis sit nōn nōvit*”, a qual pode ser traduzida por “O homem não é homem, mas um lobo, para um estranho”. Apesar de envolver um conceito bem mais amplo, a ideia que se popularizou ao longo dos anos foi a de que o homem é, por natureza e de maneira imutável, um inimigo dos outros homens (Blanco, 2023).

Para Rousseau, o ser humano era puro e inocente em seu estado natural, sendo a sociedade responsável por introduzir nele valores e hábitos que o conduzem ao conflito. Sob a ótica de Rousseau, o indivíduo civilizado paga um preço muito alto por essa civilização, ao passo que, em um estado natural, os seres humanos poderiam viver de modo mais harmônico e pacífico. Em um espectro oposto, contudo, tem-se Hobbes, para o qual haveria três causas principais para a discórdia entre os homens: a competição, a desconfiança, e a glória, elementos intimamente ligados à obtenção de lucro, à segurança e à reputação. “A par disso, torna-se claro que, enquanto os homens viverem sem um Poder comum para mantê-los todos intimidados, eles viverão nesse estado que é chamado de Guerra; e um tipo de guerra em que cada homem se opõe ao outro” (Hobbes, 2015, p. 117). Assim, os homens, levados por suas paixões, lutam para conquistar o seu bem e obter prazer, de forma que o egoísmo seria a inclinação geral da espécie humana, levando-os à morte (Cunha, 2012, p. 06-08).

4.3 TOTEMISMO

Outro aspecto marcante no romance distópico de Golding e que encontra correlação nas reflexões de Freud diz respeito ao **totemismo**. Nesse contexto, Freud (2012, p. 19-20) salienta que o totem, em regra, é um animal, comestível, inofensivo ou perigoso, temido, e mais raramente uma planta ou força da natureza (como a água e a chuva), que tem uma relação especial com todo o clã.

O totem é, em primeiro lugar, o ancestral comum do clã, mas também seu espírito protetor e auxiliar, que lhe envia oráculos e, mesmo quando é perigoso para outros, conhece e poupa seus filhos. De quando em quando são celebradas festas, em que os membros do clã representam ou imitam, em danças cerimoniais, os movimentos e as características de seu totem; há também cerimônias em que o animal totêmico é morto solenemente.

O padrão simbólico analisado por Freud, no qual os rituais coletivos e a submissão à figura totêmica representam a repressão e a canalização dos impulsos primitivos, manifesta-se com intensidade em *O Senhor das Moscas*, especialmente na cena em que os garotos, liderados por Jack,

entregam-se a uma dança tribalizada e violenta. Nesse episódio, a narrativa apresenta elementos que remetem diretamente aos rituais totêmicos e às práticas de sacralização da violência no interior da massa: Jack salta para a areia, incitando os demais à dança ritual — “Vamos dançar! Vamos lá! A nossa dança!” —, e é prontamente seguido por todos os meninos, que o acompanham em um ambiente escuro e ameaçador. A encenação assume contornos dramáticos e simbólicos: Roger toma o papel do porco, os caçadores empunham lanças, outros agarram espetos e tocos de madeira queimada, e o grupo inteiro se organiza em torno de um círculo que reproduz, de maneira repetitiva e hipnótica, o canto frenético — “Mata o monstro! Corta a goela! Espalha o sangue!”.

Nesse ambiente, até mesmo Ralph e Porquinho, representantes da racionalidade e do discurso civilizatório, sentem-se atraídos por aquela sociedade que, embora enlouquecida, oferece uma ilusão de pertencimento e segurança. Os meninos tornam-se, nesse momento, parte de um único organismo coletivo, conduzido por movimentos sincronizados e por um delírio simbólico que, de forma ritualizada, canaliza seus medos e desejos (Golding, 2014, p. 166).

Esta cena retrata, de maneira simbólica e ritualística, os elementos fundamentais do totemismo: a identificação com o animal, a representação cerimonial de sua figura e sua morte simbólica, que atua como um catalisador da coesão social. Os meninos, ao redor do fogo, girando em círculos e reproduzindo os sons e movimentos da caça, recriam um espaço de pertencimento e proteção. Tal como no pensamento freudiano, o rito não apenas organiza o coletivo, mas também serve como canal para pulsões primitivas, aqui expressas pela violência ritualizada contra o “monstro”. Ao final, todos se tornam parte de um “único organismo”, sinalizando a dissolução do eu no grupo e o retorno a formas arcaicas de sociabilidade.

4.3.1 O animal totêmico

No romance de Golding, pode-se afirmar que o animal totêmico consubstancia o próprio título da obra. Dessa forma, como explica Ikeda (2022, p. 37), o porco não é qualquer animal na trama; ele é o símbolo do “Senhor das Moscas” e, também, o único animal constantemente perseguido pelos meninos na ilha. O porco será morto e devorado como alimento, servido como oferenda ao “monstro” e totemizado como o verdadeiro “Senhor das Moscas”. Ele possui, portanto, um sentido polissêmico: é, ao mesmo tempo, a luz da razão (encarnado no racionalismo de Porquinho); a vida (a esperança da vida se dá pela sensatez de Porquinho e pelo porco caçado que se torna alimento para o grupo); a morte (a violência sobre o animal e Porquinho, que são perseguidos e açoitados até a morte); e as trevas, representada no medo onipresente que todos sentem na ilha, materializado na cabeça do porco morto, à guisa de uma oferenda totêmica (Ikeda, 2022, p. 37).

No romance, Porquinho é um representante da razão e da sensatez: diz o que é necessário, ainda que suas palavras não agradem ao grupo. Ele também é aquele que, apesar da miopia, enxerga as coisas de modo longitudinal – para além das aparências – e que usa a inteligência quando a forma física não ajuda. Porquinho, todavia, não consegue fazer valer suas palavras; suas regras não são acolhidas e, a despeito de toda a racionalidade por trás de cada ideia sua, nada tem valor para o grupo. Sua palavra é incapaz de produzir um efeito de estrutura, no sentido de fazer laço com os demais meninos na ilha. Curiosamente, ele – o mais racional dentre todos os meninos na ilha – é o único a ser identificado pelo apelido de um animal: o porco (Ikeda, 2022, p. 37).

Não por acaso que a ideia da oferenda totêmica tenha partido de Jack, o personagem que representa o ímpeto autoritário e a liderança baseada no temor. Jack havia acabado de retornar de uma caçada bem-sucedida e sanguinária de uma porca; na sequência, comunicou ao seu clã os detalhes do plano, que tinha como finalidade invadir o acampamento de Ralph e roubar o fogo que lá havia. Como que buscando a proteção e o auxílio do monstro em sua empreitada “criminosa”, Jack espetou a cabeça gotejante de sangue da porca em uma vara com pontas afiadas e falou em voz alta: “A cabeça é pro monstro. É uma oferenda”.

3.3.2 Totem e psiquismo

No transcorrer da obra, nota-se a enorme influência desse totem no espectro psíquico e fantasioso dos garotos, notadamente do personagem Simon. Ao se defrontar com a cabeça da porca espetada em uma vara, com os dentes à mostra e um enxame negro de moscas zumbindo em torno da pilha de vísceras que a circundava, Simon passa a apresentar um comportamento alucinatório, como se o totem estivesse conversando com ele, ainda que em silêncio.

Mesmo que fechasse os olhos, continuava a enxergar a cabeça da porca, imagem que persistia em suas retinas. Os olhos entrecerrados e opacos exibiam o cinismo infinito da vida adulta. [...] Simon descobriu que tinha falado em voz alta. Abriu os olhos na mesma hora e lá continuava a cabeça, sorrindo irônica à estranha claridade do dia, ignorando as moscas, as entranhas espalhadas, até a indignidade de estar enfiada num espeto. Simon desviou os olhos, lambendo os lábios secos. Uma oferenda para o monstro. Será que o monstro viria buscar? E teve a impressão de que a cabeça concordava com ele. Sai correndo daqui, dizia a cabeça em silêncio, volta logo pra junto dos outros. Na verdade foi só uma brincadeira – por que isso te incomoda? Você se enganou, só isso, mais nada. Um pouco de dor de cabeça, talvez alguma coisa que você comeu. Volta logo, menino, dizia a cabeça em silêncio. [...] A pilha de vísceras se convertera num enxame negro de moscas que zumbiam como uma serra. E depois de algum tempo as moscas encontraram Simon. Empanturradas, pousavam à beira dos filetes de suor para beber. Faziam cócegas debaixo do nariz do menino, e brincavam de saltar carniça em suas coxas. Eram incontáveis, negras e de um verde iridescente; e diante de Simon, o Senhor das Moscas seguia preso à sua estaca, mostrando os dentes. Finalmente, Simon desistiu e tornou a olhar; viu os dentes brancos e os olhos opacos, o sangue – e seu olhar se deteve naquele reconhecimento arcaico e inevitável. Na têmpora direita de Simon, uma veia começou a latejar contra o seu cérebro. (Golding, 2014, p. 151–152)

O totemismo, como salienta Freud (2012, p. 166), foi comumente tratado como um sistema primitivo de religião e de sociedade. Como sistema religioso, ele envolve a união mística do selvagem com seu totem; como sistema social, ele compreende as relações em que homens e mulheres do mesmo totem se acham uns com os outros e com os membros de outros grupos totêmicos.

À luz da teoria freudiana, pode-se dizer que o “Senhor das Moscas” constitui uma espécie de totem de pertencimento ao clã de Jack. Nesse sentido, quem reconhece o totem adquire uma nova identidade, inclusive com indumentárias próprias e pinturas faciais que os diferenciavam dos outros garotos, como se estivessem unidos por vínculos ancestrais. As crianças menores, em especial, passam a adorar a figura de Jack, cujo simbolismo adquire correlação direta com o próprio totem. Este, assim como Jack, é poderoso e sedutor, funcionando para alguns como poder redentor, dando-lhes vida nova e atuando como uma espécie de “substituto do pai” (Aydos, 2021)⁸.

Dessa forma, à luz do pensamento freudiano, pode-se afirmar que, caso o romance de Golding seguisse um rumo diferente daquele observado em seu desfecho, ou seja, trabalhando a hipótese de que os garotos continuassem sozinhos na ilha, o passo seguinte seria o surgimento de uma espécie de religião, tendo o animal totêmico como o próprio deus na conservação do insaciado anseio dos garotos pela figura do pai.

Nesse sentido, Freud (2012), em sua obra *Totem e tabu*, interpreta o desenvolvimento da religiosidade como uma progressão simbólica originada na figura paterna. Segundo o autor, o deus, em determinado estágio, pode ser compreendido como uma evolução do animal totêmico, que por sua vez já representava uma forma simbólica do pai. Para Freud, o totem constitui o primeiro sucedâneo da figura paterna, enquanto o deus — em uma etapa posterior — restabelece a imagem do pai em sua forma humana. Essa transição simbólica seria possível devido a transformações nas relações com o pai (e possivelmente com o próprio animal totêmico) ao longo do tempo, o que demonstra como o desejo pelo pai está na raiz das formações religiosas.

5 CONCLUSÃO

A leitura da obra *O Senhor das Moscas*, de William Golding, à luz dos principais conceitos da psicanálise freudiana, permitiu uma análise profunda da complexidade da natureza humana e dos limites da civilização. A partir da articulação entre literatura e psicanálise, foi possível compreender como a ausência de estruturas sociais e repressoras pode conduzir o sujeito à regressão, à irrupção de impulsos primitivos e à dissolução da racionalidade em favor da barbárie.

Os conceitos de **id**, **ego** e **superego**, bem como os estudos sobre o **comportamento das massas**, o **totemismo** e a **agressividade atávica**, demonstraram-se ferramentas analíticas eficazes para

interpretar as ações dos personagens. As cenas de violência coletiva, o surgimento de um líder autoritário, a transformação simbólica do porco em entidade totêmica e os episódios de delírio psíquico de personagens como Simon ilustram o colapso das instâncias civilizatórias e a dominação do inconsciente sobre o comportamento humano.

Ao promover a ruptura com a ordem estabelecida, Golding revela que os elementos constitutivos do psiquismo humano — tal como concebidos por Freud — permanecem latentes, prontos a emergir diante da fragilidade das instituições sociais. O romance, portanto, ultrapassa os limites de uma narrativa distópica juvenil para tornar-se um verdadeiro tratado sobre a condição humana, expondo, em linguagem literária, aquilo que a psicanálise nomeia como o mal-estar da civilização.

Nesse sentido, este estudo reforça a relevância da interdisciplinaridade entre literatura e psicanálise como campo frutífero para compreender os dilemas éticos, sociais e subjetivos da humanidade. Como proposta para investigações futuras, sugere-se a análise de outras obras literárias sob a ótica da teoria psicanalítica, bem como o aprofundamento do estudo sobre as dinâmicas de massa, liderança e identidade nos contextos contemporâneos.

REFERÊNCIAS

AYDOS, Marco Aurélio Dutra. Rostos e nomes n'O Senhor das Moscas. 2021. Disponível em: <https://marcoaydos.wordpress.com/2021/01/21/rostos-e-nomes-no-senhor-das-moscas/>. Acesso em: 23 mar. 2024.

BLANCO, Fabio. Hobbes: o homem é o lobo do homem. Filosofia Integral, 2023. Disponível em: <http://www.fabioblanc.com.br/o-homem-e-o-lobo-do-homem-em-thomas-hobbes/>. Acesso em: 21 mar. 2024.

CUNHA, Maicon Pereira da. Freud como pensador do político: sobre a igualdade impossível entre os homens. Revista Épos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 1–12, jun. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2012000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 mar. 2024.

FREUD, Sigmund. A dissecação da personalidade psíquica em Novas conferências introdutórias à psicanálise (1933). In: _____. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GOLDING, William. O Senhor das Moscas. Tradução de Sergio Flaksman. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

HOBBS, Thomas. Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. São Paulo: Edipro, 2015.

IKEDA, Vitor. Sobre as práticas pedagógicas democráticas: educação e laço social em O Senhor das Moscas. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48138/tde-17112022-125518/publico/VITOR_IKEDA_rev.pdf. Acesso em: 23 mar. 2024.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTINS, Everton Bandeira; MOURA, Vanessa dos Santos; PINHEIRO, Thiago Vinicius Toledo. Um breve ensaio político-filosófico acerca da sociabilidade a partir da concepção hobbesiana de Estado de natureza e da obra O Senhor das Moscas, de William Golding. Revista Âmbito Jurídico, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-91/um-breve-ensaio-politico-filosofico-acerca-da-sociabilidade-a-partir-da-concepcao-hobbesiana-de-estado-de-natureza-e-da-obra-o-senhor-das-moscas-de-william-golding/>. Acesso em: 5 mar. 2024.

TORRES, Karise Oliveira. Uma leitura de O Senhor das Moscas de William Golding à luz da filosofia de Arthur Schopenhauer. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/199990>. Acesso em: 6 mar. 2024.

VILAÇA, Gabriela. A construção do conceito de ego da segunda tópica freudiana. 2019. Monografia (Especialização em Teoria Psicanalítica) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.